

***V de Vingança* – uma vendeta contra a homofobia e o fascismo**Patricia Magri Granuzzio<sup>1</sup>Renata de Fátima Ceribelli<sup>2</sup>

UNIMEP - Universidade Metodista de Piracicaba

**Resumo:**

O artigo analisa algumas questões presentes na história em quadrinhos (HQ) *V de Vingança*, de Alan Moore, e no filme nela baseado. *V de Vingança* se passa numa Inglaterra futurista. Após uma Terceira Guerra Mundial e assolada por bombardeios, a Inglaterra está mergulhada no caos. Depois de algum tempo, a ordem é estabelecida, mas por meio de manipulações políticas e ideológicas de um governo fascista que caça os direitos civis, impõe uma forte censura aos meios de comunicação e reprime violentamente os opositores e livros, músicas e obras de arte considerados perigosos para a manutenção da ordem são destruídos. Dentre aqueles considerados não adequados à nova ordem estão os estrangeiros, muçulmanos, negros e os homossexuais que são encaminhados aos chamados campos de readaptação, onde são torturados e feitos como cobaias de experiências. V é um homem que sobreviveu às experiências e, usando sempre uma máscara, vai eliminando os líderes fascistas. Tanto a HQ quanto o filme são sobre o amor e sobre o que regimes totalitários podem fazer com a vida das pessoas, no que elas podem se transformar, no que elas podem ser roubadas, na sua essência e dignidade e na possibilidade de lutarem contra a submissão.

**Palavras-chave:** Literatura; Estudos Culturais; Homofobia.**Abstract:**

The article examines some issues present in the comic book (HQ) *V for Vendetta*, Alan Moore, and the movie based on it. *V for Vendetta* takes place in a futuristic England. After a third world war and plagued by bombings, Britain is plunged into chaos. After some time, the order is established, but through political manipulation and ideological needs of a fascist government that hunts civil rights, imposes a strong censorship on the media and violently repressing opponents and books, songs and works of art considered dangerous to the maintenance of order are destroyed. Among those considered unsuitable to the new order are foreigners, Muslims, blacks and homosexuals who are referred to so-called rehabilitation camps, where they are tortured and made as guinea pigs for experiments. V is a man who survived the experience, and always wearing a mask, will eliminate the fascist leaders. Both the comic and the movie are about love and what totalitarian regimes can do with people's lives, what they can become, as they can be stolen, in essence and dignity and the possibility of fighting against submission.

**Key words:** Literature, Cultural Studies; Homophobia.

<sup>1</sup> Doutoranda em Educação na Universidade Metodista de Piracicaba – UNIMEP, bolsista da CAPES

<sup>2</sup> Mestranda em Educação na Universidade Metodista de Piracicaba – UNIMEP, bolsista da CAPES

Alan Moore, quadrinista inglês, nascido em 1953, teve, aos 22 anos, a idéia de apresentar como personagem principal de uma de suas histórias em quadrinhos: um terrorista transexual que, sempre mascarado, enfrentava um regime totalitário. Essa HQ, apresentada em um concurso, não recebeu aprovação. Era uma época em que discutir sobre sexualidade humana e apresentá-la em um meio impresso que atingia jovens e adolescentes era visto como algo inovador demais, e até mesmo chocante para os bons costumes.

Anos depois, quando foi convidado juntamente com o desenhista David Lloyd, para desenvolver um projeto de HQ para a agência Studio System, Moore lembrou-se do seu personagem mascarado. Depois de muitas discussões e planejamento, em 1982, surgiu V, codinome de um homem que, usando sempre uma máscara sorridente sobre o rosto, uma capa e um chapéu em formato de cone, luta contra os tiranos e opressores.

*V de Vingança* se passa numa Inglaterra futurista. Após uma Terceira Guerra Mundial e assolada por bombardeios, a Inglaterra está mergulhada em um verdadeiro caos. Depois de algum tempo, a ordem é estabelecida, mas por meio de manipulações políticas e ideológicas de um governo fascista que caça os direitos civis, impõe uma forte censura aos meios de comunicação e reprime violentamente os opositores.

Assim, como na obra literária *1984*, de George Orwell, e até mesmo na história real de muitos regimes totalitários, o Estado vigia os cidadãos: há toques de recolher, notícias proibidas, censores tolhendo a liberdade de expressão e pessoas servindo como olhos, ouvidos, narizes e dedos de um grande fascista e controlador.

Para manter a paz nessa Inglaterra sitiada, todo aquele que não concordasse ou que fosse contra o governo vigente era enviado a um campo de readaptação, onde, juntamente com os não adequados à nova ordem, eram interrogados, torturados, submetidos a experimentos em busca da criação de armas biológicas e mortos. Dentre aqueles considerados não adequados à nova ordem estão os estrangeiros, muçulmanos, negros e os homossexuais.

A história foi escrita e desenhada na Inglaterra durante o período do governo de Margareth Thatcher e muito da sua forma de governar e do desrespeito às diferenças dos indivíduos pode ser visto claramente nas entrelinhas.

Desta forma, como muitas outras histórias em quadrinhos, o roteiro de *V de Vingança* foi transformado em filme. Fiel ao roteiro original em muitas partes, a história

foi adaptada, muitos personagens foram fundidos em um só e outros simplesmente foram excluídos, mas a mensagem principal foi mantida: sempre haverá os que aceitam ordens insensatas sem questionar e outros que reagirão violentamente a atos opressores.

Ao assistirmos ao filme ou ao lermos a HQ, não somos informados porque V foi enviado a um desses campos de concentração, apenas sabemos que ele esteve preso durante muito tempo, passou por experiências terríveis que arrasaram seu espírito e corpo. Após provocar um grande incêndio com gás mostarda e *napalm*, o prisioneiro da cela cinco – daí o codinome V - foge e não é a mesma pessoa de antes. Sua força física e espiritual é bem maior.

O filme, assim como a história original, não narra apenas uma vingança pessoal. V, após fugir do campo de concentração, não passa a se preocupar apenas em eliminar aqueles que o feriram, passa a lutar por um mundo sem opressores.

Uma de suas principais aliadas é uma jovem de 16 anos que ele salva de agentes do governo, quando esta é surpreendida após o toque de recolher num beco escuro. Tanto a HQ quanto o filme começam pelo encontro de V com Evey Hamond.

No gibi, ela trabalha com munições e, por ganhar muito pouco, dispõe-se a se prostituir pela primeira vez. No filme, Evey é uma garota normal, que trabalha em um canal de televisão do governo, e é abordada na rua quando está indo para casa de um chefe. As abordagens se diferenciam, mas a conotação sexual é mantida, visto que Evey vai ao encontro desse chefe para colocar-se à disposição dele.

É a relação entre poder, sexualidade, perversão que move tanto a história do gibi original quanto a do roteiro do filme. Atingindo um público bem maior e com alterações significativas em relação à abordagem da homossexualidade, o filme nos propicia melhores comentários e análises.

Evey, ao ser salva por V, tem sua vida radicalmente mudada. A primeira visão diferente é acompanhar de longe os fogos da explosão da cúpula do parlamento.

Filmada pelas câmeras que vigiam os civis, ela é tida como cúmplice das mortes dos agentes que a encurralaram no beco e da explosão do prédio. Ao abrigar-se na casa do mascarado, a jovem órfã se vê cercada de obras de arte, livros de literatura e ouvindo músicas clássicas ou jazz. V é enigmático, culto, educado e nunca retira a máscara de Guy Fawkes. Não sabemos se é branco ou negro e qual é sua origem. A história permite que pensemos não apenas em uma minoria discriminada, mas nos

diversos tipos de preconceito e discriminação que existem nas diversas sociedades contemporâneas.

Fawkes, cuja imagem inspirou David Lloyd a criar V, foi um extremista católico e herói militar condecorado. Com outros católicos descontentes, pretendia destruir o Parlamento com grande quantidade de explosivos e matar James I, o rei inglês que estabelecera multa para quem não comparecesse às missas anglicanas. Fawkes foi escolhido para ser a peça principal do atentado. No entanto, um dos conspiradores alertou um amigo que trabalhava no parlamento para que não comparecesse no dia 5 de novembro de 1605, data planejada para o grande incêndio. A informação acabou chegando aos ouvidos do rei e ele foi torturado e executado em 31 de janeiro de 1606 e o plano de explodir o parlamento falhou.

O filme retrata que Evey, mesmo sem nunca ver o rosto de V ou ter com ele algum contato físico, revela a ele a perda de sua família, assassinada pelo governo pela participação em uma rebelião. Sem saber das reais intenções de V, ela, fazendo-se passar por uma jovem prostituta que iria saciar os desejos de um bispo, permite que o mascarado cometa mais um assassinato. Revoltada, Evey foge e busca abrigo na casa de Gordon, chefe a quem iria entreter sexualmente.

Gordon a recebe muito bem e, diante da preocupação dela, afirma que tê-la em sua casa não é a maior de suas preocupações, mas, sim, o que mantém escondido num quarto oculto: obras de arte, cópia do alcorão, livros proibidos. Enquanto ele diz a ela que na verdade só a convidou para manter a imagem exigida para continuar no emprego, Evey desvia o olhar para a parede onde há fotografias artísticas de homens se abraçando. Gordon sorri e diz, calmamente, que perdeu mais do que o apetite por jovens atraentes e que desejaria poder convidar o mascarado que enfrentava o sistema para vir à sua casa. O próprio Gordon diz ter usado uma máscara durante tanto tempo que se esqueceu de quem está por baixo dela.

Essas cenas são cheias de pequenos indícios sobre os sofrimentos dos homossexuais e reveladoras do seu apurado gosto artístico no filme. A massa, em geral, assiste a programas tolos na televisão ou apenas ouve as notícias filtradas pelos órgãos oficiais. Em todo o filme, as referências à cultura estão ligadas aos que são considerados não adequados ao sistema imposto pelo governo; são esses os únicos que não são

submissos totalmente; são eles que lutam, perdem e são mortos, mas não desistem de lutar.

Por meio de narrações e imagens em flashback, vamos sabendo que, no campo de concentração, V foi torturado, feito cobaia de experiências com hormônios e drogas diversas e que sofreu mutações genéticas, mas conseguiu sobreviver ao incêndio que o deformou completamente. Além da máscara, ele usa constantemente luvas pretas. Numa cena rápida, enquanto ele frita ovos, podemos ver suas mãos queimadas.

Gordon, ao levar ao ar um programa de televisão que satiriza Sutler, o chanceler fascista, é conduzido por agentes e assassinado. Evey consegue mais uma vez fugir deles, mas é aprisionada por V; sem saber que ele é o seu algoz, ela acredita estar sendo submetida à investigação por causa de seu suposto envolvimento nos crimes cometidos. Por meio da tortura física e psicológica, Evey se transforma de uma simples e frágil jovem a uma mulher forte e decidida.

É na prisão que se passa uma das cenas mais dramáticas e significativas. Evey, por não saber do paradeiro de V e da localização de sua casa, tem seus cabelos raspados. Seu choro é profundo, perde junto com os cabelos o símbolo de sua feminilidade, um pouco de sua identidade. Ela, que já tinha perdido mãe e pai por causa de perseguições políticas e o irmão por ter sido contaminado com vírus produzido pelo próprio governo, perde a si mesma. Por dias, deixa-se ficar no chão da cela junto a um rato, como se fosse um.

Uma manhã, ao acordar, Evey percebe que, no reboco da parede, há um buraco e nele um pedaço de papel higiênico enrolado. É uma carta de vida, uma pequena biografia de alguém que também esteve preso naquela cela, a leitura desta carta a fortalece interiormente. É um texto sobre o amor e sobre o que regimes totalitários podem fazer com a vida das pessoas, no que elas podem se transformar, no que elas podem ser roubadas, na sua essência e dignidade.

O conteúdo dessa carta é o que dá o impulso para a sua transformação e o que também fez com que V, ano a ano, fosse eliminando as pessoas envolvidas com as experiências e mortes cometidas no campo de readaptação. É a história de duas mulheres que se amaram muito desde a juventude e que, assumindo seu amor diante da sociedade, foram perseguidas, encaminhadas para o centro de readaptação e, como consequência das experiências, acabaram morrendo.

Nesse ponto do filme, enquanto ouvimos a voz de Valerie lendo a carta que escreveu, imagens vão mostrando os acontecimentos, sem pressa, com cuidado para que tenhamos tempo de observar pequenos detalhes, como mãos se tocando, cabelos ao vento, sorrisos apaixonados e a dor quando uma das mulheres é arrancada à força de sua casa e levada por agentes do governo.

Eu não sei quem você é. Por favor, acredite. Não tenho como convencê-lo de que este não é mais um dos truques deles, mas não me importo, eu sou eu e não sei quem é você, mas te amo.

Tenho um lápis bem pequenininho, que eles não acharam, sou mulher, guardei dentro de mim, talvez não possa escrever novamente, por isso, esta será uma longa carta sobre minha vida, é a única autobiografia que vou escrever e, veja só, estou redigindo em papel higiênico.

Eu nasci em Nottingham, 1957. Chovia muito. Passei no teste de admissão e fui pra uma escola feminina. Sonhava em ser atriz.

Conheci minha primeira namorada na escola.

Seu nome era Sara. Tinha quatorze anos e eu, quinze. Nós duas tínhamos aula com a Srta. Watson. Suas mãos...suas mãos eram lindas.

Na aula de biologia, contemplando o feto de coelho no jarro de picles, ouvi a Sra. Hird dizer que o convívio íntimo entre meninas era uma fase adolescente que as pessoas superam.

Sara superou – eu não.

Em 1976, parei de fingir e levei uma namorada, Christine, pra conhecer meus pais.

Uma semana depois, eu me matriculei na Escola Dramática de Londres. Mamãe disse que parti seu coração... mas minha integridade era mais importante. Isso é egoísmo? Pode não ser grande coisa, mas é tudo que temos na vida. São nossos últimos centímetros... mas neles, nós somos livres.

Londres: Eu fui feliz em Londres. Em 1981. Interpretei Dandini em Cinderella. Meu primeiro trabalho profissional. O mundo era estranho, farfalhante e agitado, com platéias invisíveis por trás de luzes quentes e ofegante glamour. Era excitante e ao mesmo tempo solitário. À noite, eu ia ao Gatewars ou outras casas noturnas, mas me mantinha retraída e não me envolvia facilmente, eu via de tudo, mas nunca me sentia bem.

Havia muitas pessoas que só queriam ser gays, era tudo para elas, sua única ambição, a única coisa de que falavam e eu queria mais... mais do que aquilo.

Evolui profissionalmente. Consegui pequenos papéis em alguns filmes. Depois maiores.

Em 1986, participei de The Salt Flats. Ganhou todos os prêmios, mas não o público. Conheci Ruth trabalhando nele. Nós nos amávamos.

Fomos morar juntas. No dia dos namorados, ela me mandava rosas. E, meu Deus, tínhamos tanto. Foram os três melhores anos de minha vida.

Em 1988, houve a guerra... Depois disso, não houve mais rosas. Pra ninguém.

Em 1992, depois que tomaram o poder, começaram a prender os homossexuais. Levaram Ruth enquanto ela procurava comida.

Por que eles têm tanto medo de nós?

Queimaram Ruth com pontas de cigarro e forçaram a pobrezinha a dar nomes. Ela assinou uma declaração de que foi seduzida por mim.

Eu não a culpei. Eu amava Ruth. Não a culpei. Mas ela sim.

Ruth se matou. Não pôde viver após me trair, depois de ceder aquele último centímetro. Oh, Ruth.  
Vieram me buscar. Disseram que todos os meus filmes seriam queimados. Rasparam meu cabelo, meteram minha cabeça numa privada e fizeram piadas sobre lésbicas.  
Eu fui trazida pra cá e me deram drogas. Não sinto mais minha língua e nem posso falar.  
A outra lésbica daqui, Rita, morreu duas semanas atrás. Acho que logo vou morrer também.  
É estranho que minha vida possa acabar neste lugar horrível, mas, por três anos, recebi rosas e não tive de prestar contas a ninguém.  
Eu vou morrer aqui. Cada centímetro de mim morrerá... exceto um. Um só. É pequeno e frágil. E é a única coisa no mundo que ainda vale a pena se ter.  
Jamais devemos perdê-lo, vendê-lo ou entregá-lo. Não podemos permitir que nos tirem.  
Não sei quem você é, se é homem ou mulher. Talvez eu nunca o veja, nem abrace, nem a gente beba juntos. Mas eu te amo.  
Espero que você consiga fugir. Espero que o mundo mude, as coisas melhorem e que, um dia, as rosas voltem.  
Queria poder te beijar.  
Valerie.

Evey, após a leitura da carta, passa a se sentir um ser humano mais forte e resiste bravamente à tortura, não aceitando assinar uma confissão de culpa sua ou de V. Inesperadamente, é libertada e descobre que tudo tinha sido uma armadilha para que sentisse na própria pele um pouco do que muitos outros passaram. Num primeiro momento, odeia o seu salvador, mas, pouco a pouco, reconhece que ele também salvou a sua mente e coração de serem corrompidos ou de se sujeitarem às idéias e ideais dos opressores.

Cercada de livros diversos, ouvindo V recitar Shakespeare, William Blake ou expressões em latim, Evey percebe que a cultura faz falta, percebe que canções, como as de Billy Holiday, tocam fundo sua alma, percebe que, no antigo emprego, estava ao lado de muitas pessoas, mas que não convivia com elas no sentido de trocar idéias, de ter experiências, de adquirir conhecimentos.

Margareth Rago (2005), comentando as reflexões da filósofa alemã Hannah Arendt sobre regimes totalitários, afirma que

É a destruição das redes de articulação política, como os sindicatos, as comissões operárias, as formas informais de organização de base, tanto sociais – clubes, associações de moradores, grupos de lazer, etc - que se tornam focos de violenta repressão do Estado. Sem laços afetivos e sociais suficientemente fortes para

ancorá-los, sem compromissos políticos que os envolvam e articulem, os indivíduos ficam soltos e cada vez mais fragilizados em sua solidão; isolados e sentindo-se desamparados, tornam-se vulneráveis à propaganda totalitária, presas fáceis para o poder.

Os livros, a música, as obras de arte daqueles que são considerados perigosos para a manutenção da ordem, são destruídos. V, por sua vez, destrói edifícios e prédios símbolos do governo fascista e convoca o povo a estar com ele nessa luta. As explosões, os incêndios e os fogos de artifício são metáforas para a destruição da submissão.

A submissão feminina pode ser vista através da mãe de Valerie, pois, quando a filha é expulsa de sua casa juntamente com a namorada e o seu retrato é jogado na cesta de lixo, ela só faz chorar. Pode, também, ser vista em Evey e nas colegas de trabalho quando se acostumaram a “visitar” os chefes. É natural que haja mulheres submissas em um sistema em que apenas os homens estão no poder.

Como explica Sedgwick (1985, p.3-4), homofobia, opressão a mulheres e manutenção da estrutura econômica e política estão estreitamente relacionados à manutenção do sistema patriarcal. Para ela, é praticamente impossível imaginar uma sociedade patriarcal que não seja homofóbica, pois a exclusão dos homossexuais é produto do mesmo sistema que estabelece regras e relações opressoras a mulheres. A homofobia contra homens ou mulheres não é gratuita, perpassa por questões familiares, de gênero, idade, classe social e relações raciais. Discutir profundamente tais questões significaria discutir e alterar todo o sistema.

A submissão feminina é questionada sutilmente com a presença e comportamento da mãe de Evey, com as mulheres lésbicas assassinadas e com a própria Evey após a prisão. Ela é a única mulher que ousa transgredir as regras impostas e que não é morta na história. Há uma morte simbólica, a morte do que era antes de conhecer e estar com V. Há uma transformação em sua identidade.

Miskolci (2005), discutindo se vivemos atualmente uma transformação das identidades de gênero, afirma que

devemos atentar para mudanças relacionais envolvidas na forma como compreendemos hoje o que é ser homem, o que é ser mulher, mas sobretudo como ambos se relacionam em termos sociais e amorosos. Se quisermos focar nas mudanças e em seu grau de profundidade devemos descobrir se a vida privada em nossos dias se tornou espaço de invenção ou manutenção de formas antigas de relações, as quais, como sabemos baseiam-se na manutenção de desigualdades.

Evey é uma bela mulher, de traços delicados e corpo frágil. É V, o herói da história, que a salva, oprime, ensina e liberta. Nesse sentido, as identidades dos personagens são ambíguas: ora são as mesmas já estabelecidas pela estrutura patriarcal ora são inovadoras. Ao mesmo tempo em que a figura feminina é cuidada por um homem forte, que luta karatê, maneja muito bem as facas e os explosivos, ela é feita sua discípula e herdeira. Herdeira da casa, das obras de arte e da luta pela liberdade, tornando-se uma mulher fisicamente frágil, mas transformada em seu íntimo. Evey não é mais a mulher que espera uma decisão masculina; não é mais desigual, mas sim diferente em sua luta.

O filme, tendo como herói um mascarado que explode prédios, assassina pessoas e tortura uma amiga, suscitou críticas variadas. Após o atentado às Torres Gêmeas, prédio comercial nos Estados Unidos, toda e qualquer referência a terroristas demanda controvérsias. Mas V não é um terrorista, apenas quer vingar o que fizeram a ele, a Valerie e a muitos outros. Não é movido por pensamentos fundamentalistas, preconceituosos ou racistas, mas motivado por uma vendeta. Sua luta envolve o sangue derramado de muitos e o seu próprio, que foi alterado em sua imunidade. Não é uma luta contra um povo, mas a favor dele. Além de tudo, é ficção.

Quando do lançamento do gibi na década de 1980, as discussões sobre homossexualidade não atingiam as massas e se limitavam a associações com a AIDS. Agora, quando o mundo todo discute as diversas manifestações amorosas e sexuais e o casamento ou união civil entre pessoas do mesmo sexo, o filme tem sido bem recebido pelas comunidades e grupos de homossexuais, que viram em Evey, Gordon, Valerie, e até mesmo em V, personagens que podem ser utilizados para uma discussão dos diversos modos de amar.

Os homens explicitamente homofóbicos que aparecem no filme estão ou sempre sozinhos ou ao lado de outros homens violentos, egoístas e narcisistas como eles. Esses morrem pela mão de V que, após matar até o último homem envolvido em sua vendeta, cai morto nos braços de sua protegida.

Ela não tem mais quem a proteja ou guie. Está por sua própria conta e decide continuar com os planos originais e explode o parlamento inteiro. O povo, atendendo as solicitações de V, comparece para presenciar os fogos, numa atitude que pode ser o

início de uma nova luta, não armada, mas ideológica, todos estão usando as máscaras que ele enviou pelo correio. Uma luta em que mulheres, jovens, crianças, brancos, negros e homossexuais estão presentes.

Evey acompanha da cobertura a queima de fogos. Não está sozinha; um agente do governo que não concordava totalmente com o fascismo está ao seu lado. Como uma última metáfora do filme, ela repete as mesmas palavras de V, fazendo-nos pensar que assumirá o papel dele e ensinará ao homem tudo o que aprendeu. E se ele pode aprender a gostar de música, de obras de arte e a respeitar o ser humano em sua complexidade, nós também o podemos.

### **Referências Bibliográficas**

MISKOLCI, Richard. “Vivemos uma crise das identidades de gênero?” ANPOCS, 2005. Disponível em:

<http://www.ufscar.br/richardmiskolci/paginas/academico/cientificos/vivemos.htm>

MOORE, Alan e Lloyd, David. *V de Vingança*. Panini Comics, 1998.

RAGO, Margareth. *Narcisismo, sujeição e estéticas da existência*. Mimeo, 2005.

SEDGWICK, Eve Kosofsky. *Between Men – English Literature and Male Homosocial Desire*. New York: Columbia University Press, 1985.